

ANÁLISE DA NOTÍCIA

A saída para o PFL é sair

Ricardo Noblat

Da equipe do **Correio**

O governo do presidente Fernando Henrique Cardoso e seu partido, o PSDB, esqueceram uma velha lição da política. Ou da arte da guerra, porque a política é o exercício da guerra por outros meios. A lição é simples: no caso de um inimigo, ou você o mata com um tiro na testa ou você o derrota, mas não o deixa acuado. É sábio deixar uma saída para que ele possa recuar. Ainda mais se você imagina atraí-lo para seu lado no futuro.

Depois que a Polícia Federal invadiu o escritório em São Luiz da empresa da governadora Ro-

seana Sarney e de Jorge Murad, marido dela, o PFL ficou sem saída. Ou desembarca do governo ou desembarca do governo. É a única opção que lhe resta. Porque a outra seria desembarcar da candidatura Roseana. E, a esta altura, essa opção não existe. O PFL se desmoralizaria para sempre.

A direção do PFL está convencida de que a ação da Polícia Federal foi uma ação política para enfraquecer a candidatura de Roseana à Presidência da República e fortalecer a do ex-ministro José Serra. A verticalização das coligações, decretada na semana passada pelo Tribunal Superior Eleitoral, beneficia Serra e Lula, que podem polarizar a sucessão. Mas ela sozinha não basta. Serra tem que ganhar, pelo menos, o apoio do PMDB.

Roseana também quer o passe do PMDB e de outros possíveis aliados. Na medida em que ela se torne suspeita aos olhos do país de ser sócia do marido em negócios sujos, perderá pontos nas pesquisas eleitorais. Em seguida, perderá as chances de conseguir a ajuda de outros partidos. Por fim, estará politicamente morta fora do seu estado. O próprio PFL perderá valor como aliado no segundo turno da eleição.

Até a semana passada, o governo tinha a possibilidade de reunir em torno de Serra o PSDB, o PMDB ou parte dele, e o PFL. Serra, afinal, poderia continuar crescendo nas pesquisas, Roseana poderia empacar, e, de resto, o PFL nunca foi partido para se afastar de vez do poder, de qualquer poder. A manuten-

ção da aliança que permitiu a Fernando Henrique governar em paz foi dinamitada pelo episódio de São Luiz.

Nem no primeiro nem num eventual segundo turno Roseana admite mais compor com Serra. Se ele passar para o segundo turno e ela não, Lula terá de graça os votos dos Sarney no Maranhão. Como os teve em 1989 contra Fernando Collor. E Roseana não ficará sozinha. Na Bahia, por exemplo, Antonio Carlos Magalhães tapará o nariz, como contou anteontem a um amigo, mas votará em Lula.

"Prefiro votar num adversário leal do que num aliado desleal", observou Antonio Carlos.

O que parecia inacreditável pode estar muito perto de acontecer: o PFL experimentar o gostinho de ser oposição.